

## FAGUNDES VARELA NUM PANORAMA DE SUA OBRA

*José Valdivino*

Um jovem fluminense, que viveu entre 1841 e 1875 — *Luís Nicolau Fagundes Varela* — por fôrça de espaço e tempo, conscientizou os fatos sociais, que palpitarão em tórno de si: a guerra do Paraguai, os movimentos de libertação da escravatura, as vozes da democracia nascente, os problemas da independência mexicana e as novas diretrizes da literatura nacional.

Lê-se, hoje, a poesia fagundiana e depara-se, num canto, noutro canto, um pouco do reflexo desses aspectos humanos, àqueles fins do século XIX. O que é marcante, porém, é a face de sua alma emotiva, é a presença de seu sentimentalismo, de um lirismo delicado e quase infantil.

Contemporâneo e amigo de Castro Alves, recebeu dêste ou receberam ambos, numa simbiose social, as atitudes literárias, que o meio ambiente e as leituras de Byron, Vitor Hugo e o clima religioso lhes derramaram nalma.

«Criado até os 10 anos, tempo no sítio do pai, tempos na fazenda dos avós, onde passavam longos meses, tendo a pageá-lo a figura humilde e submissa do escravo Modesto, cuja dedicação pelo seu Nhonhô Luís perduraria até a morte, seus olhos se impregnariam dessa paisagem encantadora e suave, paisagem com que, em painéis dos mais sugestivos, enriquecerá, no futuro, a lírica nacional. Não mais se esqueceria desses quadros que a sua sensibilidade apurada e sensitiva como poucas, cristalizará futuramente em algumas páginas do mais puro lirismo, da mais doce nostalgia, da mais doce lembrança. Teria sempre presente aquelas névoas, como uma cortina de sonho, a envolverem os morros longínquos...»

Assim pintou muito bem a gênese psicológica de Va-

rela o seu biógrafo EDGARD CAVALHEIRO, em «Fagundes Varela» ps. 22, 23).

Realmente o autor de «Cantos e Fantasias» mais escutou, com desvanecimento, a voz do Romantismo, em cujo seio literário, o «menino de 10 anos» achou tóda a sistemática para as confissões de sua alma apaixonada.

Consoante êstes sinais, Varela foi um lírico, no seu romantismo enleiante, quase a mesma medida de seu amigo Castro Alves retirando-se somente o capítulo condoreiro, que marcou o poeta d' «Os Escravos».

A vida de boêmio que levou gastando o melhor de seus anos, o casamento com uma artista de circo, o nascimento do filhinho Emiliano, o comportamento irrequieto e amargo, por onde arrastou o coração de poeta, — tudo se eternizou nos seus livros.

Dez obras deixou Varela: «NOTURNAS», de 1861; «O ESTUDANTE AURI-VERDE», 1863, 24 ps.; «VOZES DA AMÉRICA», 1864, 240 ps.; «CANTOS E FANTASIAS», 1865, 193 ps.; «CANTOS MERIDIONAIS», 1869, 174 ps.; «CANTOS DO ERMO E DA CIDADE», 1869, 192 ps.; «ANCHIETA ou O EVANGELHO DAS SELVAS», 1875, 337 ps. poema em 10 cantos; «CANTOS RELIGIOSOS» 1878; «O DIÁRIO DE LAZARO», 1880, 34 ps.; afora 20 trabalhos avulsos e 17 produções em prosa, tóda esta documentação retirada das páginas 301/303, do livro citado do sr. Edgard Cavalheiro

Quer dizer que, excetuados os «avulsos» e as páginas em prosa, compôs Fagundes Varela 1236 páginas de poesia, sendo assim, um dos mais fecundos escritores, em seu tempo.

«Noturnas», seu primeiro livro, é um reflexo da juventude, de aluno da Faculdade paulista. Há no livro, aliás dedicado à sua mãe, um ar de agnosticismo, o que se vê no poema «O Arquetipo». «Noturnas» traz influências de Byron, de Goethe, de Alvares de Azevedo, de Casimiro de Abreu. O verso é um tanto fraco, sem vitalidade, se bem que cuidado.

«O Estandarte Auri-Verde», segundo Manuel Bandeira, «foi escrito ao correr da pena», entusiasmado pelo clamor do povo do Rio de Janeiro, por causa da «questão Christie». Para E. Cavalheiro, é livro fraco, do qual se salva, quando muito, a intensão.

«Vozes da América» é trabalho, no qual o poeta se apresenta como contador de estórias. São poemas em verso branco, como: «Vingança». «O Vizir», «O Proscrito». Em suas páginas, encontram-se Byron, Heine, Lamartine.

Dele escreveu Edgard Cavalheiro, a quem sigo confiante: «Vozes da América» reflete cinco anos de uma vida poética irregular, com muitas incertezas e indecisões, tanto em relação às idéias, quanto à forma». (sic. p. 104).

«Cantos e Fantasias» é livro de 1865, quando Varela já possuía maior equilíbrio formal e seu sentimento de bucólico se apresenta em ótimas oportunidades.

Se algo se encontra de épico como na poesia «O General Juarez», em homenagem ao libertador do México, «A Rede», «No Ermo», poesia de certa semelhança castravina — a tônica de Fagundes Varela é sempre esta: «Lembras-te, Inah? Belo e mago,/ Da névoa por entre o manto,/ Erguia-se ao longe o canto/ Dos pescadores do lago./ (Cont. e Fant., p. 7). Em «Livro das Sombras», há romantismo e lirismo: «Pensava em ti, nas horas de tristeza/ Quando êstes versos pálido: compus./ Cercavam-me planícies sem beleza,/ Pesava-me na fronte um ceu sem luz.»

Na estrofe seguinte, encontra-se um traço maravilhoso de intensa beleza lírica: «Ergue êste ramo solto em teu caminho:/ Sei que em teu seio asilo encontrará!.../ Só tu conheces o secreto espinho/ Que dentro d'alma me pungindo está.» (Apud (Cant. e Fant; p. 29).

E «O Cântico de Calvário» é uma comunhão de sentimentos cristãos com profunda resignação ante a vontade de Deus, quando da morte de seu primeiro filho, Emiliano. Trata-se de uma poesia emocionante, corrente nas antologias didáticas. São 180 versos decassílabos, feitos num ritmo que revela queixa profunda, amargura de espírito.

Em «Cantos Meridionais», continua o clima de feição queixosa, de mágoa no ritmo da vida, onde diz; «Minh'alma é como um deserto/ Por onde o romeiro incerto/ Procura uma sombra em vão;/ É como a ilha maldita/ Que sôbre as ondas palpita/ Queimada por um vulcão!» (p. 14<sup>o</sup>). «A Flor do Maracujá» é um setessílabo de intenso sentido bucólico-cristão: «Pel as tranças da mãe-d'água/ Que junto da fonte está,/ Pelos colibrís que brincam/ Nas alvas plumas do ubá,/ Pelos cravos desenhados/ Na flor do maracujá». (p. 120)

Fagundes Varela revela-se n' «A Roça», poesia de 9 sílabas para traduzir ritmo do «balanço da rede», o poeta na sua tônica emotiva: ou na sua problemática psicológica, numa dórida confissão: «Se eu tivesse por livro a floresta,/ Se eu tivesse por mestre a amplidão,/ Por amigos as plantas e as aves,/ Uma flecha e um cocar por braço;/ Não manchara minh'alma inspirada,/ Não gastara meu próprio vigor,/ Não

cobriira de lama e de escárneos/ Meus laureis de poeta e cantor!»

E o filho dos sertões conclui: «Mas um gênio impiedoso me arrasta,/ Me arremessa do vulgo ao vai-vem,/ E eu soluço nas sombras olhando/ Minhas serras queridas além.» (p. 128).

«Mimosa» é um poema de 3 cantos e «epílogo», cujo protagonista principal é «Mimosa» — «Beija-flor do deserto, agreste rosa/, Gentil como a Dalila da Escritura,/ Mais ingênua, porém, mais amorosa»... (sic) A narrativa representa a velha abordagem do poeta em assuntos referentes ao seu caso pessoal, de judeu sem sossêgo, de alma inquieta e sem rumo.

«Cantos Religiosos» é obra póstuma e saiu a lume graças à generosidade de um grande amigo de Fagundes Varela, o sr. Otaviano Hudson, que o mandou publicar, em conjunto com poesias da irmã do poeta, Ernestina Fagundes Varela, com o fim louvável de amparar, financeiramente, três filhos órfãos de Varela, do segundo matrimônio. Neste livro estão aquelas duas conhecidas poesias «Ave Maria» e a «Cruz» em forma gráfica de cruz.

«Cantos do Ermo e da Cidade» trazem a mesma vivência dolorosa do poeta infeliz, que confessa: «Tenho um deserto de amarguras n'alma,/ Mas nunca a fronte curvarei por terra!.../ Ah! tremo às vezes ao tocar nas chagas,/ Nas vivas chagas que meu peito encerra.» (p. 218).

«Anchieta ou O Evangelho das Selvas» é o último livro publicado ainda em vida do autor, ou seja em 1875. Por muitos, é considerada a obra principal de Varela. É enumerada entre os grandes poemas nacionais. Sentimentos cristãos, acendrado afeto à natureza brasileira, às paisagens sertanejas, aos quadros mais bucólicos dos sertões, à vida primitiva do selvagem do Brasil — eis o que é «O Evangelho das Selvas».

Consta de dez cantos, em decassílabos brancos, numa forma estilística das melhores, com solidez expressional na sua riqueza poética, pulso seguro na narrativa. O bucólico, o paisagista e o cristão irmanaram-se para fazer estes versos. Lízcm as crônicas que o autor asilou-se numa casa-grande de certo amigo, a fim de compor, em ambiente tranquilo, cada canto do poema. O Pe. José de Anchieta é a figura dominante em tôda a imensa narrativa, e em ocasião alguma, o poeta minimiza a História de Deus.

«Diário de Lázaro» é um poemeto de três cantos, póstumo também, no qual o autor retrata suas angústias morais. As tintas descritivas são muitas vezes luminosas e precisas. Parece, todavia, trabalho incompleto e nebuloso, nas suas conotações de tragédia».

Fortaleza, Agosto, 1971.